

Ecopoética

Esta edição da *Revista Intersemiose* traz a temática da Ecopoética e veicula artigos publicados, originalmente, no livro *Narrações da violência biótica* (Recife: Edufpe, 2010), com o intuito de disponibilizar em meio digital e mais acessível a produção reunida pelos organizadores há um ano. “Violência biótica” é uma expressão que evoca, em primeira instância, o *modus operandi* da própria vida em toda a sua imensa variedade de suportes, porque nada é mais violento do que a existência na biosfera, nada é mais violento do que nascer e morrer, e nos interstícios destes extremos, manter-se vivo. Há, inegavelmente, violência nos ecossistemas: intimidação, constrangimento, coação. Sem ela, não haveria vida. A vida é incompatível com a apatia e o torpor, com a ausência da morte da qual depende a sua renovação. O que talvez não exista na biosfera de modo generalizado é a *crudeldade*. Crueldade é um conceito moral, e a moral surgiu ao mesmo tempo que a consciência do homem. A crueldade enquanto conceito é o que subjaz às definições dicionarizadas da violência, que evocam os códigos de conduta moral sobre os quais se estruturam as sociedades.

É, portanto, a consciência da crueldade humana, e não da violência biótica em si, o que parece estruturar o discurso hegemônico por excelência neste início de terceiro milênio: o discurso ecológico, que está na ordem do dia difundindo noções de preservação, sustentabilidade, parcimônia, tolerância e respeito a outras formas de existir e a outras formas de pensar a existência. Um discurso que, sem precedentes na história, parte da constatação de que o planeta está “doente”, “ameaçado”, “comprometido” pela circulação indiscriminada de um mal cuja etiologia foi identificada e encontra-se num elemento do ecossistema: o homem.

A ruptura do homem com o “contrato animal”, ou seja, com a sociedade das espécies viventes pela partilha do planeta, é considerada por muitos um crime da humanidade contra si mesma. Quando a competição torna-se tão selvagem a ponto de destruir tudo o que existe, a vitória resulta inútil: o que o homem domina não passa de um deserto, e desertos não sustentam formas de vida, nem as mais vitoriosas.³ Nunca como hoje, pois, o homem foi forçado a se definir como o agente etiológico de sua própria extinção, a partir de sua ação predatória da diversidade da vida em benefício próprio, e de sua má utilização da “razão” – característica tão longamente celebrada pelo antropocentrismo como elemento distintivo da superioridade humana sobre as demais espécies e do direito humano ao domínio e à subjugação dos demais seres à sua vontade. Nunca como hoje o homem foi forçado a

3. Cf. Desmond Morris. *O contrato animal*. Rio de Janeiro: Record, 1990.

se definir como uma “doença”. Mas talvez nunca, como hoje, a humanidade vivenciou condições tão favoráveis ao estabelecimento de uma “saúde”.

Esta saúde viria da consciência de que a pior doença de que padecemos hoje talvez seja, como diz Georges Canguilhem⁴, a “doença do homem *normal*”: “por doença do homem normal deve-se compreender o distúrbio que, com o tempo, se origina da permanência do estado normal, da uniformidade incorruptível do normal, a doença que nasce da privação de doenças, de uma existência quase incompatível com a doença”. Essa ficção de uma “gorda saúde dominante”⁵ é o que engendra, nos mais diversos campos da atuação humana, a arrogância que leva à falta de solidariedade. Para o homem *normal*, portanto, saúde pode significar o aparecimento de uma falha na sua confiança biológica em si mesmo.

A ameaça da doença “é um dos elementos constitutivos da saúde”, segundo Canguilhem, porque o que une o homem ao restante da criação não é uma linguagem comum, mas apenas a susceptibilidade à dor. Se “a crueldade é a pior coisa que fazemos”, como diz Richard Rorty, e a solidariedade “não é uma questão de partilhar uma verdade comum ou uma meta comum, mas uma *esperança egoísta comum*: a de que o mundo de cada um – as pequenas coisas ao redor das quais o sujeito teceu seu vocabulário final – não seja destruído”; então a saúde viria da capacidade de duvidar de si mesmo. “Duvidar de si mesmo” – diz o autor – “me parece ser a marca característica da primeira era da história humana em que um grande número de pessoas tornou-se capaz de separar duas perguntas: ‘você deseja e acredita no que desejamos e acreditamos?’ e ‘você está sofrendo?’”⁶...

Ainda segundo Rorty, num mundo cada vez mais “desteologizado e desfilosofado”, são as descrições detalhadas de variedades particulares da dor e da humilhação na literatura e nas artes que figuram como as principais contribuições do intelectual moderno para o progresso moral. “A dor não é lingüística: é aquilo que temos, nós, os seres humanos, que nos liga aos animais não usuários da linguagem”. Assim, as vítimas da crueldade, as pessoas que estão sofrendo – e mais ainda, os seres não-humanos – não têm grande coisa a oferecer em termos de linguagem. Portanto, a tarefa de transformar sua situação em linguagem tem que ser executada para elas por outros. “Os romancistas e os poetas”, diz Rorty, “são bons nisso. Os teólogos e os filósofos, geralmente não.”⁷

A Ecocrítica, ao propor uma reflexão sobre o meio ambiente e a natureza no âmbito dos estudos literários, parece cumprir duas tarefas: a de reconhecer a decisiva importância política do discurso comumente dito “estético” (e portanto, “inócuo”) na atualidade; e a de alertar para a ameaça de extinção que também paira sobre ele, em seu inegável antidogmatismo, assim como sobre as coisas e os seres aos quais ele dá voz. Em *O livro por vir*, Maurice Blanchot sugere que sonhemos “com o último escritor, com o qual

4. Georges Canguilhem. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 247.

5. Cf. Gilles Deleuze. *A literatura e a vida*, in: *Crítica e clínica*. São Paulo: Ed. 34, 1997, p. 14.

6. Richard Rorty. *Contingência, ironia e solidariedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 326.

7. Idem, *ibidem*, p. 166.

desapareceria, sem que ninguém percebesse, o pequeno mistério da escrita”. O que resultaria disso? Para ele, resultaria no surgimento de um ruído novo, um murmúrio incessante, “a repercussão antecipada do que não foi dito e jamais o será”. Blanchot afirma que “um escritor é aquele que impõe silêncio a esse ruído, e uma obra literária é, para aquele que sabe penetrar nela, uma preciosa morada de silêncio, uma defesa firme e uma alta muralha contra essa imensidade falante que se dirige a nós, *desviando-nos de nós*.”⁸

A proposta desta edição da *Revista Intersemiose* é refletir, através da análise de textos literários, poéticos e artísticos, sobre a promessa de saúde que um mundo doente, excessivamente ruidoso e excessivamente cruel pode oferecer ao homem contemporâneo, confrontando-o com a perda de sua inabalável confiança em si, na sua *normalidade* e na validade universal de seus discursos redentores. Num mundo assim, a empatia com o sofrimento alheio – seja o de outros seres humanos, seja o de seres não-humanos – em lugar de convocar o sujeito ao exercício de uma qualquer *obrigação* moral, poderá, talvez, representar um chamamento ao aprendizado sincero da solidariedade.

Prof^a Dr^a Ermelinda Maria Araújo Ferreira

8. Maurice Blanchot. O livro por vir. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 321.